

DESLOCAMENTOS DE UM CORPO BRANCO EM UMA EXPERIÊNCIA GRUPAL COM MULHERES NEGRAS

DIEGO PORTELLA VIANA¹; ADEMIEL SANT'ANNA JUNIOR²; MÍRIAM CRISTIANE ALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – diegoportellaviana@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – psi.ademielfunior@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso em andamento propõe a experimentação sensível do “Grupo de Escuta e Autocuidado”, espaço de cuidado coletivo oferecido pelo projeto de extensão “Diz Aí: Clínica Feminista e Antirracista”, que integra uma das ações do Núcleo de Estudos e Pesquisas E’LÉÉKÔ. Tem como objetivo problematizar, desde a interseccionalidade, o que pode a escuta crítica da branquitude, a partir do deslocamento da posição cisheteronormativa de um homem branco, para a produção de lugares inventivos de experimentação interracial em um grupo terapêutico formado, majoritariamente, por mulheres negras.

A escuta-experimentação ocorre entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre de 2021, em meio a pandemia da COVID-19. Trata-se de um espaço grupal que produziu, para quem aqui escreve, uma reflexão crítica sobre as experiências e sentidos no estágio em psicologia. Ao longo de três semestres uma das sensações que mais marcam essa experiência grupal é a de que quem estava sendo acolhido e ressignificado no “Grupo de Escuta e Autocuidado”, era eu.

Seria aquele o meu lugar? Eu, um homem branco, heterossexual, cisgênero, ocupando o lugar de suposto saber importado socialmente pela academia escutando mulheres negras. Poderia eu, esse homem branco, dispor de uma escuta implicada no encontro com mulheres negras? A partir destes questionamentos me proponho a refletir criticamente sobre essa experiência, sentindo e colocando em suspensão os deslocamentos, os contraditórios, os possíveis para a escuta implicada de um homem branco em meio ao processo terapêutico de mulheres negras.

O analisador que proponho pensar nesse estudo é sobre meu corpo branco, minha “branquitude”, que segundo BENTO (2022), no Brasil fará a manutenção das heranças escravocratas que produzem a dominação de um grupo (branco), sobre outros (negros), na política, na cultura, na economia, assegurando os privilégios da supremacia branca.

Nos encontros com aquelas mulheres negras, é sobre meu processo de fala/silêncio, onde surge o questionamento: O que pode a escuta do homem branco, cisgênero, heterossexual em um grupo constituído majoritariamente por mulheres negras? O que pode a escuta crítica da branquitude para as interseccionalidades? De que modo essa alteridade pode encarnar uma experiência positiva e produzir efeitos terapêuticos nos encontros? Como assinala SILVA (2017), a escuta não é uma atividade neutra; o tensionamento em torno das relações raciais não se dá apenas do lado de fora, mas também no lado de dentro - e aqui falo do lado de dentro do espaço terapêutico.

Esse processo me levou ao ponto que considero fundamental neste trabalho: a aproximação de autoras negras e negros que operam epistemologias que se movem na direção de éticas que descolonizam o pensamento. Estas éticas trazem à tona pistas de como rasgar as estruturas de opressão da raça, do gênero e da classe.

2. METODOLOGIA

Um dos enunciados que me motivam a escrever sobre este encontro, passa por um movimento, um desconforto e uma tensão. De movimento vou chamando o encontro com autoras e autores pretos que circulam também por um pensamento descolonial. Estas autoras e autores se atreveram a contar suas histórias na primeira pessoa, trazendo à tona as estruturas de dominação da raça-gênero e classe.

A partir das tensões, experimento o que SANT'ANNA JUNIOR (2021, p. 94), chamará de “gestos metodológicos”, ou seja, para o autor ao construirmos uma metodologia devemos estar atentos aos gestos que emergem no corpo, mobilizando suas fundamentações, insurgências e insubmissões que extrapolam as geografias, biografias e fazem circular poéticas, gestos. Quando estas são incorporadas ao texto torna-se possível transbordar na construção de um *corpus* de pesquisa que nasce desse encontro. Neste caso, a grupalidade das mulheres negras que já existia antes da entrada/intervenção do acadêmico de psicologia é o gesto por onde sou mobilizado.

Ao experimentar estes rasgos na colonialidade, escapo pelas frestas, e a este movimento de escape o autor chamará: “Exercícios de Atrevivência” (SANT'ANNA JUNIOR, 2021, p. 95) que se dá na junção dos verbos atrever e viver como possibilidade de escapar das estruturas apodrecidas da colonialidade. Percebo então não ser possível sair do mesmo jeito que entrei nesta pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste processo de escuta e escrita, tenho me deparado com algumas inquietações. Minhas observações e minha atenção partem do meu encontro com intelectuais negras, antirracistas que se movem por uma ética da descolonização do pensamento (KILOMBA, 2019). Este texto se move através do deslocamento entre-sujeitos, entre-lugares e entre-saberes da/na pesquisa. Busco discutir se é possível uma pesquisa que de fato opere a descolonização do pensamento. O convite às leitoras e leitores é a ativação da atenção encarnada no instante, considerando a presença do psicólogo como marcação das diferenças. Para isso, nomearei também a minha presença inscrita na primeira pessoa (KILOMBA, 2019), interrogando por quais paradigmas são construídas as relações na “presença/ausência” do (meu) corpo branco neste contexto.

Minha presença se dá no instante, por onde consigo construir uma escuta encarnada na grupalidade. A ausência, portanto, trata-se da política de silêncio instalada como “pacto da branquitude”, como refere BENTO (2022), que promove silêncios sobre meu corpo, e produz efeitos sobre como o corpo branco vai operando nos espaços que ocupa, produzindo com isso a manutenção de posições de privilégios. Como homem-branco-cis-hetero preciso encarnar em meu texto o que será uma abertura para as discussões das intersecções de raça, gênero e classe, ao passo de AKOTIRENE (2019).

Para este momento, então, retomando o instante como ética do cuidado, sigo provocado por AKOTIRENE (2019) interrogando raça, heteronormatividade e

classe como instâncias que historicamente fazem relevo desenhando e dando significado às relações de poder, que segundo FOUCAULT (1999) são mecanismos de produção social. Ou seja, nesta discussão vou entendendo que a branquitude enlaça estas tramas fixadas no tecido social brasileiro, e é a principal garantidora do corpo branco em seus lugares de privilégio. Sinto que aqui já não falamos mais desde Foucault e seu pensamento sobre as relações de poder, mas partimos com MBEMBE (2018) para o entendimento das relações de dominação empreendidas em nome da “razão branca”, por onde quaisquer modos de diálogo tornam-se inviabilizados.

Na realidade brasileira os “pactos narcísicos da branquitude” (BENTO, 2002) chegam primeiro à medida em que o modelo hegemônico eurocêntrico mantém seu estatuto em plena atividade de dominação da cultura, dos corpos, das humanidades, criando uma hierarquia perversa entre as diversidades. O corpo branco-hétero-cis normativo é posto então como o verdadeiro representante da condição humana, universalizado, enquanto aos demais tentam marginalizar, esvaziar de subjetividade e coloca-los numa dimensão sub-humana.

A interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019), problematiza a complexidade das identidades e das desigualdades sociais. Trata-se de um instrumento de luta política que combate a fixação e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação e hierarquização social como raça, gênero e classe. É nesse sentido que COLLINS (2014) considera a interseccionalidade ao mesmo tempo um “projeto de conhecimento” e uma arma política. Ela diz respeito às “condições sociais de produção de conhecimentos”, a questão da justiça social e a necessidade de pensar conjuntamente as dominações” a fim de, justamente, não contribuir para sua reprodução.

Dentro desse contexto, a clínica política operada no projeto “Diz aí”, tornou-se uma importante ferramenta de transformação da minha escuta, inclusive de meu corpo. Ao final de cada encontro tínhamos a certeza de que estávamos ali fortalecendo uns aos outros, umas às outras. E este talvez tenha sido o gesto metodológico que me fez chegar até aqui, pois à medida que no grupo me tornei participante, para além de mediador, facilitador ou mesmo estudante de psicologia, construímos nossas travessias por estes espaços.

Aprendi que nós, pessoas brancas, somos beneficiárias desse complexo de relações de poder que nos colocam em lugares de privilégio, com isso usufruímos dessa condição racial que nos permite “acessar primeiro”. Ainda que eu, ou você caro leitor branco, não pretendamos ter esse privilégio, não pretendamos ser a norma, é a supremacia branca e o pensamento escravocrata que “fundam o Brasil”, conforme nos aponta SANT’ANNA JUNIOR (2021). Com isso quero dizer que a branquitude é um procedimento hegemônico e automático que interferirá nos modos como olhamos, escutamos, agimos e sobretudo nos modos como pensamos a psicologia.

Eu ainda não sei como rasgar a psicologia em seus modelos hegemônicos/coloniais, mas aprendi com o grupo como não se faz. Não é com devolutivas ou sínteses interpretativas, mas com a presença que faz nascer lugares de transformação. Deste modo, os gestos metodológicos (SANT’ANNA JUNIOR, 2021) propiciam uma circularidade entre como/quem eu era quando iniciei este processo de formação e como estou me (en)tornando enquanto escrevo.

4. CONCLUSÕES

O processo de pensar a prática da escuta clínica/política é um desafio central para a qualificação da psicologia nos espaços de cuidado individual e coletivo. Esse movimento passa, sobretudo, por problematizar e interseccionar as identidades sociais e seus modos de atravessamento e subjetivação pelos sistemas de opressão e diferenciação que interagem para criar as hierarquias sociais, as identidades subalternas, subordinações de gênero, de classe e de raça, opressões estruturantes da matriz colonial moderna. Nesse sentido pensar a saúde é deslocar-se nessa ótica multidimensional que nos constitui enquanto sujeitos, imersos em saberes coletivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, . **Interseccionalidade**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais. Pólen, 2019.

BENTO, M.A.S. **Pactos da Branquitude**. Companhia das Letras, São Paulo, 2022.

BENTO, M.A.S. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

COLLINS, P.H. **Black Feminist Thought. knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: a história da violência nas prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018

SANT'ANNA JUNIOR, A. **Exercícios de Atrevivência**. 2021, 114 f. (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SILVA, M.L. Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros. In: N. M., Silva, M. L. Kon, & C. C. Abud (Orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise** (pp. 71-89). Perspectiva. São Paulo, 2017.